

## **O PROFISSIONAL PSICÓLOGO NA ÁREA DO TRABALHO: O TRABALHO PRESCRITO E O TRABALHO REAL**

Regiane Cristina de Souza\*  
Bruno Eduardo Procopiuk Walter

Historicamente a Psicologia no contexto do trabalho está dividida em três momentos distintos. De acordo com Goulart e Sampaio (1998), esta área da psicologia surgiu, no final do século XIX e início do século XX, associada ao interesse das indústrias, ou seja, ao taylorismo que é considerado por Heloani (2003) a ideologia administrativa do início do século XX. A metodologia de trabalho do psicólogo neste contexto se resumia à seleção de pessoal e esta primeira face da psicologia no contexto do trabalho ficou conhecida como Psicologia Industrial. Conforme explica Aguiar (2005), a Escola das Relações Humanas – que surgiu com os estudos de Hawthorne - foi um divisor na história da psicologia no que se refere à transição da primeira para a segunda face ou fase. Isso aconteceu em virtude das pesquisas do sociólogo Elton Mayo (1880-1949) que, em um contexto norte-americano, objetivava investigar o impacto da iluminação/luminosidade do ambiente sobre a produtividade dos funcionários, investigando também, naquela ocasião, as relações interpessoais e seus impactos para a produção. Sendo esta face reconhecida como psicologia organizacional, consolidada por volta da década de 40 do século passado, seu objetivo era maximizar as relações diante do contexto extrínseco ao trabalhador, ou seja, práticas de trabalho como treinamento, descrição e análise dos cargos, avaliação de desempenho foram enfatizadas neste contexto.

Vale ressaltar que, para Zanelli (2004), as teorias de motivação surgiram, em sua maioria, também nesta face. Mas o que então era a psicologia no contexto do trabalho? De acordo com este breve panorama histórico, era uma área do conhecimento que estava, na maioria dos seus estudos e metodologias de trabalho, a mercê do trabalho da organização. Por volta da década de 1990, este cenário passa por grandes alterações, ou seja, em sua terceira face e, para Goulart e Sampaio (1998), a psicologia no contexto do trabalho assume em sua essência uma psicologia do sujeito e não uma psicologia do trabalho. Isso se justifica pela forma como ocorreu esta transformação histórica, ou seja, na transição da psicologia organizacional para a psicologia do trabalho, temos um marco teórico que é Christophe Dejours (1949 -), autor que escreve e enfatiza as relações entre saúde/doença mental e trabalho. O

objeto de estudo da psicologia do trabalho passa a ser a subjetividade, saúde mental do trabalhador e o trabalho em todos os seus significados e manifestações.

Diante desta retomada histórica, nos perguntamos como estão às práticas dos psicólogos que atuam no contexto do trabalho? Será que estas práticas estão relacionadas à psicologia da organização ou a psicologia do sujeito? A partir destes questionamentos nosso objetivo com este texto é fazer uma reflexão teórica acerca da prática do psicólogo, tendo como fonte de investigação o que o próprio site do CRP nos diz acerca desta área de atuação. Assim, os procedimentos metodológicos do nosso trabalho serão uma análise do site do CRP, no que se refere especificamente à atuação do Psicólogo do Trabalho, e a correlação teórica acerca do significado do trabalho, trabalho prescrito e trabalho real diante da Psicodinâmica do trabalho (direcionamento teórico cujo autor é Christophe Dejours) e que de acordo com Mendes (2007) do ponto de vista epistemológico é uma teoria crítica sobre o trabalho “que envolve dimensões da construção-reconstrução das relações entre sujeitos-trabalhadores e realidade concreta de trabalho” (p. 32).

Neste texto, investigamos o psicólogo como o trabalhador e propomos mais um questionamento: como está a saúde mental deste profissional de saúde mental? No site do CRP há uma descrição geral acerca das atribuições do Psicólogo do Trabalho e vinte descrições específicas. Nestas descrições, constatamos que em sua maioria, há atribuições do psicólogo na perspectiva da psicologia organizacional, ou seja, que englobam atuações que fazem parte deste contexto histórico que foi explanado no início deste texto. Há também, em proporção menor, alguns indícios, da atuação do Psicólogo na vertente da 3ª face, ou seja, a psicologia do trabalho, enfatizando em sua metodologia e prática a saúde mental do trabalhador. Entretanto, quando o Psicólogo, independente do vínculo de trabalho com a organização, sendo contratado ou consultor, como será que consegue lidar com a própria organização do trabalho?

De acordo com Dejours (1998), o trabalho está relacionado com sofrimento, entretanto o autor não considera o sofrimento como algo sempre ruim. Para Dejours (1998), o sofrimento é patogênico quando há saídas desfavoráveis a saúde mental e pode ser sofrimento criativo quando o local de trabalho funcionar como um espaço para sublimação, o que na perspectiva do autor é quando o sujeito tem um espaço para canalizar energia a algo que pode ser bom, que proporcione reconhecimento e realização pessoal. Para Mendes (2011), a vivência de sofrimento possui um caráter dialético

A ênfase no caráter dialético da vivência de sofrimento passou a ser fortemente acentuada nos estudos realizados nos últimos cinco anos, fazendo com que ganhassem vigor a concepção de que o estado de saúde psíquica do trabalhador não é decorrente da ausência de sofrimento, mas sim da existência de possibilidades internas e externas capazes de propiciarem ao trabalhador meio de transformação do sofrimento pela tomada de consciência de suas causas, dos seus conflitos e das situações que o geraram (Mendes, 2011, p. 32).

Ainda para Mendes (2011), há fatores que são determinantes na vivência de sofrimento e de prazer no trabalho. Para a autora, estes fatores estão relacionados com as condições de trabalho que representam os fatores extrínsecos ao trabalho (ambiente), ou com a organização do trabalho, cuja representação está associada à forma como se dá a gestão do trabalho. No que se refere à organização do trabalho, a vivência de prazer pode ser exemplificada como tomada de decisão, visualização dos resultados do trabalho, autonomia, gestão mais participativa e democrática. Já para as vivências de sofrimento seriam situações inversamente opostas as anteriormente descritas. Diante das condições de trabalho, um ambiente com instalações físicas adequadas, política de remuneração justa e ausência de sobrecarga de trabalho são representações de vivências de prazer e situações inversas a estas, exemplificam as vivências de sofrimento.

Mendes (2007) enfatiza que a organização do trabalho é onde se encontra maiores indícios de sofrimento, e podemos dizer sofrimento patogênico. A autora ressalta que a

Psicodinâmica é uma abordagem de pesquisa e ação sobre o trabalho, é um modo de fazer análise crítica e reconstrução da organização do trabalho, que é inexoravelmente o provocador de sofrimento, dadas as características da pós-modernidade, da acumulação flexível do capital e de todas as suas consequências para o mundo do trabalho. (Mendes, 2007, p. 32).

Ainda de acordo com Mendes (2007), o trabalho pode ser prescrito ou real, ou seja, o prescrito envolve todas as descrições, as atribuições formalmente descritas e documentadas, como por exemplo, o que encontramos acerca das atribuições do Psicólogo do Trabalho no site do CRP e, o trabalho real é como o indivíduo coloca em questão todo o pensamento e a ação humana. Atualmente, a tônica da psicodinâmica do trabalho não está mais somente nas vivências de sofrimento-prazer em si, mas o

modo como os trabalhadores subjetivam estas vivências, o sentido que elas assumem e o uso de estratégias, especificamente as defesas coletivas e de proteção.

Mas como o Psicólogo irá construir as suas defesas coletivas? Ele não é o profissional que a partir do trabalho prescrito, inclusive documentado pelo próprio conselho da categoria profissional, irá mediar às relações de trabalho? A partir da descrição das atividades do psicólogo e dos referenciais teóricos utilizados na construção deste texto, compreendemos que este profissional teoricamente tem na maioria de suas atribuições às práticas da psicologia organizacional, não obstante à psicologia do trabalho (psicologia do sujeito), mas em nenhum momento é descrito sobre o sentido que o trabalho possa ter para este profissional, nem sobre a saúde mental dos profissionais da saúde mental.

Concluimos que investigar a atuação do Psicólogo no contexto do trabalho, também é investigar as vivências de sofrimento e o direcionamento das atividades prescritas em relação ao encontro com o real do trabalho. Os profissionais da psicologia, por vezes, estudam, pesquisam, realizam intervenções acerca do trabalho humano e contraditoriamente, o real do trabalho não possibilita esta forma de organização para o trabalho deste profissional. Por vezes, encontramos no site do Conselho desta categoria profissional, descrições acerca do que é esperado na prática. Entretanto, a forma como cada profissional vivencia o real do trabalho ainda é uma pergunta sem resposta, diante do trabalho prescrito.

### **Referências**

Aguiar, M. A. F. (2005) *Psicologia aplicada à administração: uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo: Saraiva.

Dejours, C. (1993). *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações*. In Chanlat, J. (coord.). *O indivíduo na organização*. (pp. 149-173). 2. ed. São Paulo: Atlas.

Goulart, I. B. e Sampaio, J. R (1998). *Psicologia do Trabalho e Gestão de Recursos Humanos: estudos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

Heloani, J. R. (2003). *Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho*. São Paulo: Atlas.

Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mendes, A. M. (2011). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá.

Zanelli, J. C., Borges-Andrade, J. E., Bastos, A. V. B. ( 2004). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.

<http://www.crppr.org.br/pagina.php?idF=17&idCat=3#trabalho> – acesso em 17/06/2012.